

EDUCAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO, APRENDIZAGEM FORA DOS PARÂMETROS EDUCACIONAIS

Hélcio Marques Junior¹

¹ Licenciado em Ciências Biológicas; Especialista em Docência Universitária; Mestrando em Ecologia e Produção Sustentável; docente do curso de Ciências Biológicas da Faculdade Araguaia, Goiânia-GO

Resumo

Este trabalho resulta de uma análise quanto ao uso dos meios de comunicação pelos profissionais envolvidos no processo educacional dentro do campo escolar. Tem por objetivo evidenciar a necessidade de aproximar a educação da comunicação e como proceder com a relação envolvida nesse processo.

Palavras-chave: Campo escolar, Comunicação, Educação, tecnologias e mídias.

Abstract:

This work results from a critical analysis on the use of media professionals involved in the educational process within the school playground. The reading of articles used in the discipline of Communication and Education administered the Post-graduate-sense of University Teachers College Araguaia. It aims to highlight the need to bring the education communication and dealing with the relationship involved in this process.

Key words: Field school, Communication, education, technology and media.

Campo Escolar

A escola é um terreno fértil onde se cria um ambiente favorável à disseminação do conhecimento, porém esse processo não se limita às dimensões espaciais da escola, têm as relações presentes entre todos os indivíduos da sociedade sejam na família, na igreja, no trabalho, com os vizinhos, todos esses são ambientes onde ocorre troca de informações. A comunicação é fator preponderante nas relações humanas, o professor é um comunicador que se relaciona com indivíduos tanto no campo escolar como nas outras dimensões da sociedade. A atual conjuntura da sociedade propicia uma enorme quantidade de informações derivadas do avanço tecnológico advindo de espaços formais e não formais como televisão rádio (CITELLI, 2006) das quais podem ter caráter de entretenimento, educativa, informativa e o professor precisa adquirir a capacidade de reter essas informações e utilizá-las em prol do processo educacional.

Em tempos passados, para aprender, tínhamos que ir a uma escola, hoje ainda temos que ir pelo menos para aprendermos de maneira oficial, o que parece obrigação, já que todos nós reconhecemos diversas outras fontes

de disseminação do conhecimento, não querendo diminuir aqui a função da escola na sociedade. A escola é uma instituição tradicional e os meios de comunicações advindos das inovações tecnológicas tendem a ter uma resistência quanto ao seu uso no campo escolar, os modelos de ensino em pleno século XXI continuam a forçar o professor, o ensino ainda parece ser o fator determinante da existência da escola enquanto a aprendizagem é deixada de lado.

As informatizações de muitas instituições de ensino transparecem uma falsa impressão de abertura a uma nova proposta pedagógica, a verdade é que o simples fato de utilizar as ferramentas tecnológicas não se caracteriza uma abordagem inovadora ao processo educacional, os professores são levados a virtualizar aquele mesmo comportamento antiquado onde ele continua a ser centralizador.

O grande dilema da educação a distância não é a educação em si, e sim a dinâmica do processo onde tanto os alunos como os próprios professores não estão preparados para tamanha autonomia. Para Moran (2009) os alunos estão prontos para multimídia, mas os professores não.

Vivemos em uma era de muitas incertezas, a formação docente as demandas educacionais os meios de comunicação nós levam a uma autorreflexão a cerca do nosso futuro e as nossas necessidades sociais, a era da comunicação e da informação esta em pleno vapor e precisamos entender os seus mecanismos. As mídias são elementos dos meios de comunicação que possibilitam agregar a elas os sujeitos. Segundo Porto (2006) as mídias desenvolvem um papel importante no processo educacional.

O professor é uma das principais mídias sendo o principal responsável pelo estabelecimento de relações educativas com as mídias tecnológicas. Como estabelecer essas relações? Auxiliando, não com a coleção e armazenamento de informações, mas com o processamento e transformação de informações, conceitos e valores cada vez mais disponíveis na realidade dos indivíduos (PORTO, 2006).

O uso das tecnologias e mídias ultrapassa sua função como ferramentas (recursos de apoio) para o ato de ensinar. Os desafios, caminhos e possibilidades podem fazer com que esses recursos (tecnologias e mídias) distorçam a realidade que pretende ser focalizada. (PORTO, 2006).

Para Moran (2007), precisamos estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação, afirmando que no nível organizacional a escola deve ser mais participativa, menos centralizadora, menos autoritária, é importante comparar o seu discurso com as efetivas expressões de participação.

Já no nível de conteúdo a escola deve: valorizar a vida, falar dos problemas que atingem os jovens, preparando-os para o futuro sintonizados com o presente, procurar nos meios de comunicação coisas do cotidiano e de maneira criteriosa abordar nas aulas. No nível comunicacional Moran (2007) coloca que devemos conhecer as linguagens e técnicas utilizadas pelo homem

contemporâneo e incorporar todas, valorizar as linguagens audiovisuais, juntamente com as tradicionais.

A entrada da comunicação e das novas tecnologias na escola é não só um direito, mas um dever para com a cidadania (CITELLI, 2006) assim possibilita à leitura crítica verificamos alcances e limites, na educação e na comunicação as tecnologias ganham novas funções e interações quebrando o tecnicismo.

Outros sujeitos, outras realidades, onde a dimensão dos desdobramentos educacionais que a linguagens e temas das mídias propiciam, é sugestiva de que a relação dos espaços educativos com os meios de comunicação vai além da formação do receptor crítico. Os meios estão na escola, não apenas na forma de recursos ou procedimentos ou procedimentos de ensino, mas na cultura dos alunos e professores que a ela acorrem. (PORTO, 2006)

Segundo MORIN (2000) “necessitamos desenvolver uma nova geração de teorias, mais abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas e aptas a se auto-reformarem com a ajuda de idéias complexas em cooperação”.

Na sociedade de informação, todos estamos reaprendendo a nos conhecer comunicarmos, a ensinar e a aprender, a integrar o humano e o tecnológico, a integrar o individual, o grupal e o social. Desejamos compartilhar com os outros, desejos, descobertas, afetos, temores, necessidades, caminhos... (PORTO, 2006).

Penteado (2008), diz que: “Cumpre-nos refinar o uso da linguagem oral e escrita com que tradicionalmente trabalhamos... e explorar outras linguagens como pictórica, a musical, a literária, a expressão corporal, a cinematográfica, a televisual”. O mundo sonoro e visual que cerca os indivíduos possibilita-lhes o prazer e a emersão das emoções que, por sua vez, estimulam a criatividade e a criatividade e a expressividade do educando o qual, revitalizando com a troca de experiências com os colegas e com o professor, sente o encantamento pedagógico. (PORTO, 2006).

É um grande desafio mudar a forma de ensinar e de aprender, principalmente numa estrutura universitária que, tradicionalmente, está preparada apenas para reproduzir conhecimentos elaborados/pensados por professores e/ou pesquisadores. (ALARCÃO, 2001)

É preciso refletir sobre a vida que lá se vive, em uma atitude de diálogo com os problemas e as frustrações, os sucessos e os fracassos, mas também em diálogo com o pensamento, o pensamento próprio e dos outros. (PORTO, 2006).

As transformações tecnológicas da atualidade impõem uma veloz mudança, novos ritmos e dimensões relacionadas à tarefa de ensinar e também a de aprender, precisamos estar em permanente estado de aprendizagem, estado de adaptação ao novo. Não podemos mais considerar a possibilidade de alguém ser totalmente formado, independentemente do seu nível de escolarização.

O conhecimento é apresentado em três formas diferentes: a oral, escrita e a digital, todas originadas em épocas diferentes, no entanto todas elas coexistem na atual sociedade. Temos o entendimento de que essas formas nos encaminham para percepções diferentes, a forma escrita prevalece em nossas culturas, à linguagem oral é a que predomina em todas as formas comunicativas vivenciais.

Kenski (1997) diz que a amplitude das novas tecnologias nos coloca frente de possibilidades e escolhas variadas tanto de ação como de comunicação, através das tecnologias somos permanentemente convidados a “ver mais, a ouvir mais, a sentir mais”.

Individualismo e identidades culturais

Duas questões são colocadas em pauta quanto aos processos da comunicação, tradicionalmente eles se opõem, são eles: o individualismo e as identidades culturais. Frente a isso a comunicação contemporânea deve reaprender a conjugar razão e subjetividade cultural.

O individualismo e as identidades culturais são dois fenômenos diferentes, mas estão intimamente ligados um ao outro, sendo que o individualismo comporta duas dimensões. Ele corresponde a demandas de participação individual na vida moderna, o sujeito luta para sobreviver enquanto indivíduo dispondo da sua participação na sociedade lutando por seus direitos civis. Em outra dimensão o individualismo moderno corresponde ao fato de cada um controlar sua existência como sujeito singular. (WIEVIORKU, 2001)

As identidades culturais são fenômenos complexos, que revestem diversas formas em relação a um particularismo étnico, uma religião, nacionalidade, sexualidade, deficiência física, doença crônica, onde os grupos desejam transformar isso em diferença.

As afirmações parecem traduzir a resistência constantemente ameaçada de uma cultura, a qual depende de lógicas de reprodução. O individualismo marca da modernidade, espalha os particularismos, as tradições, as identidades o que transforma o espaço público, correndo o risco de apresentar-se com indivíduos não livres, sem os mesmos direitos.

A partir do momento em que o individualismo moderno é pensado como compatível, quando as informações se reduzem às mensagens das bombas, seqüestros, atentados em função dos discursos ideológicos, elas não são informações. As identidades culturais, efetivamente não caracterizam os conjuntos parecidos uns dos outros, mas elas são apresentadas no meio da cada sociedade na qual se transforma constantemente. Fica claro a idéia principalmente para os grupos minoritários, a sua não participação nos principais meios de comunicação presentes na sociedade, como a heterogeneidade de raças presentes na televisão em telenovelas ou ainda a maneira como seus representantes são retratados em anúncios publicitários.

A busca pela comunicação harmoniosa é aquela que consegue juntar as expectativas do indivíduo e do sujeito (WIEVIORKU, 2001), a comunicação esquece então a subjetividade, mas também as especificidades culturais dos que estão relacionados, por conseguinte, não podemos reduzir a comunicação exclusivamente por seus aspectos técnicos, suas formas, seus instrumentos, ela só pode ser harmoniosa se resistir a essas tendências, colocando em jogo a razão, mas é claro que também analisando as identidades coletivas que tendem a dissociar-se na modernidade (WIEVIORKU, 2001).

Considerações Finais

As intencionalidades buscadas pelos profissionais docentes, educadores, professores, pedagogos, enfim no campo escolar devem proceder de maneira harmoniosa à solução real está em mudarmos as nossas percepções e não apenas as nossas teorias, compreender esse novo mundo com uma nova lógica, novas sensibilidades, fugindo da perspectiva linear estrutural na qual o modelo metodológico utilizado não passa de uma reprodução de um conhecimento antiquado pragmático. O professor não tem uma função reprodutiva, porque isso é facilmente adquirido através das inovações tecnológicas como uma máquina copiadora, as áreas do conhecimento são constantemente bombardeadas de informações e o professor precisa estar apto a mediar esses conflitos.

A necessidade de mudanças fica clara, principalmente no que se diz respeito aos procedimentos didáticos, independente do uso das novas tecnologias, sabemos que elas são uma realidade intransponível na nossa realidade, querendo ou não nossas aulas são indiretamente influenciadas por elas. O professor precisa se posicionar como parceiro, mediador, direcionador do conhecimento. O aluno é levado a aprender por descoberta, sendo o professor um colaborador. Ao conceber o professor como um colaborador retrato com muita ênfase a importância de uma formação docente onde esses mesmos instrumentos sejam utilizados.

Uma formação docente onde o professor como pessoa, não apenas um futuro profissional da educação, sua função social e seu peso para as outras diversas formações de cidadãos críticos e conscientes, logo não posso deixar de citar sua perspectiva em relação ao mercado de trabalho que é o campo escolar, assim como um dentista necessita de um consultório com todos os instrumentos básicos adequado para colocar em prática o conhecimento adquirido durante sua formação, tão logo vejo o professor com um consultório que é a escola sem os instrumentos necessários ou ainda com instrumentos dos quais ela nunca teve acesso é hoje lhe é imputado à responsabilidade do uso.

A atual conjuntura da nossa sociedade favorece que a educação que é considerada por muitos a base para a solução da maioria dos problemas

sociais vividos é colocada em segundo plano, políticas educacionais inadequadas, não valorização dos docentes, baixa procura por formação continuada, falta de incentivos financeiros são pontos que não justificam, mas acabam influenciando a ineficácia dos meios de comunicação ou a sua incorreta utilização no campo escolar e como sabemos isso passou por um longo processo histórico do qual hoje tentamos fugir.

As tecnologias nos redimensionam, nesse ambiente nosso mundo não se define mais dentro de uma sala, de aula, ou em nossa formação na faculdade, hoje temos um leque aberto, possibilidades, às vezes temos medo mais mesmo assim temos que escolher e entender que o mundo de hoje não é o mesmo de ontem, precisamos aprender a aprender.

Referências Bibliográficas:

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed. 2001.

CITELLI, Adilson, Odair (2006). **Meios de Comunicação e Educação: Desafios para a formação de docentes**. Unirevista-Vol.1, nº 3 (julho 2006), Brasil.

KENSKI, Vani Moreira (1997). **Novas tecnologias o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente**. XX Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1997. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Brasil.

LÉVY, Pierre (1956). **Qu'est-ce que l'virtuel?** [Português] **O que é virtual?** Pierre Lévy; tradução de Paulo Neves – São Paulo: Ed. 34, 1996.

MORAN, José Manuel (2007). **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2007 p. 162-166.

Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm

Acesso em 12/11/2009

MORAN, José Manuel (2007). **A integração das tecnologias na educação**.

Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/integracao.htm>

Acesso em 12/11/2009

MORIN, Edgar (2000). **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, UNESCO.

MORIN, Edgar (2002). **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

PENTEADO, Heloisa Dupas (org) (1998). **Pedagogia da Comunicação: teorias e praticas**. São Paulo: Cortez

PORTO, Tânia Maria (2004). **Aprendizagens de Ser Professora na Era da Informação e da Comunicação**. Pelotas: Editora Universitária UFPel.

WIEVIORKU, Michel (2001). **Entre individualismo e identidades culturais: os dilemas da comunicação hoje**.